



A FORÇA DAS PERGUNTAS FREIRIANAS NA ÉPOCA DAS REDES SOCIAIS: PROBLEMATIZANDO FANATISMO E HOMOLOGAÇÃO

THE STRENGTH OF THE FREIREIAN QUESTIONS IN THE TIME OF SOCIAL NETWORKS: PROBLEMATIZING FANATICISM AND HOMOLOGATION

Mariateresa Muraca¹

<https://orcid.org/0000-0002-3250-0988>

Paolo Vittoria²

Resumo:

Paulo Freire já na segunda metade do século passado havia compreendido alguns dos elementos atuais. Ele falava de uma consciência fanática como exasperação da consciência ingênua. A expressão de educação bancária talvez seja ainda mais apropriada hoje, quando o discurso financeiro se apropria do vocabulário e da prática educacional. A ênfase no diálogo aparece quanto mais necessária na construção de subjetividades capazes de uma comunicação aberta e autêntica. Na verdade, a crítica de Paulo Freire é tão atual porque não se refere a simples atitudes, mas a um sistema ideológico-político que se fortaleceu ainda mais com o avanço do capitalismo. Por isso celebrar o centenário não significa institucionalizar seu nome, mas ampliar, problematizar ainda mais as perguntas que emergem de sua extraordinária obra.

Palavras-chave: pedagogia; ideologia; capitalismo; diálogo; pergunta.

Abstract:

Paulo Freire had already understood some of the current elements in the second half of the last century. He spoke of a fanatical conscience as the exasperation of the naive conscience. The expression of banking education is perhaps even more appropriate today, when the financial discourse appropriates educational vocabulary and practice. The emphasis on dialogue appears the more necessary in the construction of subjectivities capable of open and authentic communication. In fact, Paulo Freire's criticism is so current because it does not refer to simple attitudes, but to an ideological-political system that was strengthened even more with the advance of capitalism. Therefore, celebrating the centenary does not mean institutionalizing his name, but broadening, problematizing even more the questions that emerge from his extraordinary work.

Keywords: pedagogy; ideology; capitalismo; dialogue; question.

¹ Instituto Universitario don Giorgio Pratesi, UNIPRATESI. Itália.

² Università Federico II di Napoli. Itália.

A CULTURA DO SILÊNCIO E O MEDO DA LIBERDADE

Nas práticas de alfabetização coordenadas por Paulo Freire, as palavras geradoras surgiam através daquilo que ele definia como “pesquisa do universo vocabular”, que se realizava nos círculos de cultura e abordava questões pertinentes à vida, ao cotidiano, ao trabalho através de uma ação dialógica entre educadores e educandos. O objetivo residia no conhecimento do universo temático e das palavras mais utilizadas pela comunidade. Os educadores, na fase de pesquisa, viviam o cotidiano das pessoas, conhecendo as casas, as famílias, os pequenos grupos locais, situações de vida e trabalho. A pesquisa se desenvolvia com a total participação da comunidade, explicitando claramente suas próprias razões e intenções. Palavras do cotidiano, ditados e canções populares faziam parte da pesquisa do universo vocabular conduzida de forma a reduzir ao máximo a distância entre os pesquisadores e a comunidade. Era um processo que tinha como princípio que os educandos fossem sujeitos do processo de educação, através do diálogo sobre a realidade social e as palavras que a descrevem.

Daí que sempre tinha insistido em que as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador (FREIRE, 1982, p. 20)

Desde o princípio do processo assumia-se como prioridade a compreensão do contexto na sua dimensão social. A linguagem era vivenciada, antes de tudo, na interação entre sujeitos inseridos em uma determinada realidade contextual e de valorização das experiências.

A pesquisa do universo vocabular releva o caráter dialógico do aprendizado e do ensino. A unidade mínima é a palavra, no seu significado mais profundo, relacionado ao mundo, a uma ideia, a uma esfera de realidade, a sua intenção, a história que transmite, aos projetos que implica, as experiências que narra e que provoca. A palavra é base da comunicação, do diálogo e da interação: é a palavra geradora.

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] Este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida da leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1982, p. 20).

A precedência da leitura do mundo sobre a leitura da palavra, a profunda ligação entre a realidade social e a educação é um traço característico da obra freiriana ao longo de toda sua elaboração. Tanto é que, convidado a coordenar as campanhas de alfabetização em Guiné-Bissau, Paulo Freire recomendava que, dependendo das necessidades específicas das diferentes situações, as atividades de pós-alfabetização antecedessem ou mesmo substituíssem as atividades de alfabetização:

Em certas circunstâncias, é possível que uma comunidade se engaje durante algum tempo, numa séria prática reflexiva sobre sua realidade, discutindo uma temática geradora significativa, ligada a seus interesses concretos, indagando-se em torno, por exemplo, de sua experiência produtiva, de caráter coletivo; de como produzir melhor, perguntando-se sobre seu papel no esforço de reconstrução

nacional, envolta, enfim, num programa que poderíamos chamar de “pós-alfabetização”, sem que, porém, se tivesse iniciado no aprendizado da leitura e da escrita dos signos linguísticos. Seria, no caso, a prática da “re-leitura” crítica de sua realidade, associada a uma forma de ação sobre ela, a que poderia despertar a comunidade para o aprendizado da leitura e da escrita dos signos linguísticos (FREIRE, 1978, P.68).

A promoção do conhecimento como processo criativo, crítico e dialógico havia come intenção superar o que Paulo Freire chamava cultura do silêncio: um silêncio que pronuncia resignação. A cultura do silêncio não pode ser compreendida se não for analisada como parte de um sistema mais complexo, a partir da realidade que a provoca. Isto significa que a cultura do silêncio não surge espontaneamente, mas se forma nas relações de dominação. Portanto, para compreendê-la é necessário analisar o fenômeno da dependência colonial, onde os dominados assimilam os mitos dominantes, criando uma ambivalência, um dualismo em ser oprimidos e opressores ao mesmo tempo. De acordo com Paulo Freire, a sociedade dependente é, por natureza, silenciosa. O silêncio da sociedade-dominada, com relação à sociedade-dominante, se reflete nas relações que se estabelecem no meio da própria sociedade dominada.³

A *palavra*, como a *imagem* e o *som*, é um mundo político (BOAL, 2008), uma codificação da realidade. Sair da cultura do silêncio é aprender a ser sujeitos da história e da cultura. É uma prática que parte da palavra e a transcende. Esta cultura dialógica é contrastada por condições existenciais analisadas por Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido:

Um dos aspectos que surpreendemos [...] é o “medo da liberdade”. Não são raras as vezes em que participantes manifestam o seu “medo da liberdade”, se referem ao que chamam de “perigo da conscientização”. A consciência crítica (dizem) é anárquica. Ao que outros acrescentam: “Não poderá a consciência crítica conduzir à desordem?” Há, contudo, os que também dizem: “Por que negar? Eu temia a liberdade. Já não a temo... O medo da liberdade, de que necessariamente não tem consciência o seu portador, o faz ver o que não existe (FREIRE, 1987, pp. 23-25).

O medo da liberdade é medo de reconhecer a condição de opressão, mas também de – a partir deste possível reconhecimento – encarar uma realidade desafiadora, inédita, desconhecida. Desta forma, a liberdade pode causar medo: a dependência e a ignorância aparecem mais cômodas porque a liberdade é uma conquista, não é uma concessão. É uma conquista dolorosa:

Os oprimidos, que interiorizam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando a expulsão desta sombra, exigiria deles que “preenchessem” o “vazio” deixado pela expulsão com outro “conteúdo” – o de sua autonomia. A liberdade, que é uma conquista e não uma doação, exige uma permanente busca... Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de assumi-la (FREIRE, 1987, p. 37).

³ São notáveis as influências e os pontos de contato entre obras como *Os condenados da terra* Frantz Fanon e *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador* de Albert Memmi e estas reflexões, que tornam Freire uma referência fundamental para as perspectivas pós-coloniais e decoloniais.

A REALIDADE FICTÍCIA E A CONSCIÊNCIA FANÁTICA

O medo da liberdade, no sentido de caminho da responsabilidade para a autonomia, pode comportar baixa autoestima o que leva – ao invés de encarar a realidade – a se esconder num abrigo – o que Paulo Freire define como *realidade fictícia*:

É que o mero reconhecimento de uma realidade que não leve a esta inserção crítica (ação já), não conduz a nenhuma transformação da realidade objetiva, precisamente porque não é o reconhecimento verdadeiro. Este é o caso de um “reconhecimento” de caráter puramente subjetivista, o qual, fugindo da realidade objetiva, cria uma falsa realidade “em si mesmo”. E não é possível transformar a realidade concreta na realidade imaginária (FREIRE, 1987, p. 43)

Esta condição fictícia ou ilusória da consciência gera uma obscuridade em ver ou ouvir os desafios que estão muito além da adaptação a realidade. Quanto mais o sujeito desiste de compreender a realidade de maneira crítica, mais perto chega da visão mágica, supersticiosa ou fanática.

É uma condição na qual a consciência não se dispõe a abrir sua compreensão da realidade enfrentando os desafios de forma crítica, mas reduz as explicações dos acontecimentos e, conseqüentemente, o olhar sobre a realidade a motivações de um caráter abstrato que muitas vezes serve de justificações para “não agir” numa forma de inerte alienação.

Esta condição da consciência – definida por Freire como intransitiva – pode degenerar em um estado de fanatismo. É o que Paulo Freire define como *consciência fanática* característica das sociedades massificadas ou que passaram por um rápido desenvolvimento tecnológico não acompanhado por transformações sociais e políticas educacionais. São situações em que se sofrem mudanças rápidas sem ferramentas culturais para compreendê-las.

O desenvolvimento frenético de tecnologias, se não enfrentado de forma adequada pelas políticas educacionais, pode levar a esta condição de fanatismo. Paulo Freire fazia estas considerações nos anos Setenta do século passado, mas na verdade não é exatamente o que estamos vivendo agora? Poderíamos explicar através do conceito de consciência fanática a polarização nas redes sociais, a cultura do ódio, a crença das *fake news*, o poder ilimitado do algoritmo? Quais formas de dominação existem no tempo contemporâneo? Quais são as formas de manipulação? Existe uma cultura do silêncio em sala de aulas? Como quebrar o silêncio? Como construir uma cultura de pensamento crítico, uma cultura da palavra? A cultura da palavra é por si uma cultura dialógica, de resistência?

NA BUSCA DA LIBERDADE

Hoje nas redes sociais temos liberdade praticamente infinita de uso e consumo de palavras. Mas essa liberdade se traduz em um verdadeiro diálogo? Nossas formas de comunicação, cada vez mais dependentes das redes sociais, são mediadas pelo algoritmo e suas múltiplas direções. Sabemos que o algoritmo potencializa as comunicações que adquirem mais seguidores não necessariamente apresentam um conteúdo autêntico ou de particular interesse.

Paulo Freire dizia que a leitura da palavra é importante pela leitura do mundo que ela possibilita. Portanto, devemos nos perguntar que leitura de mundo estamos construindo através

destas palavras. Se essa leitura é capaz de dialética, de visão do outro ou se, pelo contrário, se apoia demais no Ego, fazendo do nosso ser uma projeção narcísica ou autorreferencial.

A cultura do silêncio descrita por Freire não era consequência de um analfabetismo linguístico em si, mas de um analfabetismo político, ou seja, de uma consciência reflexivas e capaz de transformação da realidade. Hoje, na hipervalorização da comunicação, na multiplicação de seu poder e impacto social, este analfabetismo adquire um sentido ainda mais forte e preocupante. Porque o analfabetismo de sentidos, significações, interpretações, na potência comunicativa pode ser destrutivo.

Esse tipo de análise nos leva a refletir sobre outro tema pertinente ao pensamento de Paulo Freire: a relação entre autoridade e liberdade.

Lemos de Paulo Freire:

Há momentos em que a professora, enquanto autoridade, fala ao educando, diz o que deve ser feito, estabelece limites sem os quais a própria liberdade do educando se perde na licenciosidade, mas estes momentos, de acordo com a opção política da educadora, se alternam com outros em que a educadora fala com o educando... É que o espontaneísmo, que às vezes dá a impressão de que se inclina para a liberdade, termina para trabalhar contra ela. O clima de licenciosidade que ele cria, de vale-tudo, reforça as posições autoritárias. Por outro lado, certamente o espontaneísmo nega a formação da democracia, do homem e da mulher libertando-se na e pela luta em favor do ideal democrático (FREIRE, 2005, p.85).

Um elemento da reflexão de Paulo Freire pode chamar a atenção: a liberdade pode se perder na licenciosidade. Permitir tudo, adaptar-se apenas ao aluno, não significa construir espaços de liberdade. Lembro quando um estudante, ao participar de um debate em sala, fez uma reflexão que, a meu ver, pode reforçar esta ideia: “não há desrespeito maior ao aluno do que permitir um clima de licenciosidade!!” Se transferirmos o raciocínio para o campo da comunicação e em particular das redes sociais: ter pleno poder sem uma consciência adequada leva a uma verdadeira dimensão de liberdade? Ou, pelo contrário, esse tipo de licenciosidade, de espontaneísmo pode gerar um caos que nos leva diretamente à condição de vigilância recíproca? Mais do que, como Paulo Freire dizia, “educamos uns aos outros mediatizados pelo mundo”, estamos “monitorando uns aos outros mediatizados pelo algoritmo”?

Certamente no âmbito da comunicação social, ter atitudes excessivas de controle ou proibição conduziria a uma dimensão de autoritarismo mal vivida por ambas as partes.

O autoritarismo é uma distorção da autoridade. É uma atitude sistemática de arrogância, imposição do próprio discurso e do próprio pensamento, pode provocar baixa estima nos alunos. Ele se insinua também na comunicação aparentemente horizontal das redes sociais.

Autoridade, ao contrário do autoritarismo, é uma característica indispensável: pressupõe domínio da comunicação, capacidade de orientação, consciência dialógica, ser autores do próprio discurso, das próprias ações e pensamentos. Se o libertinismo leva a uma perda de controle na gestão da comunicação, e pode ter como consequência posturas agressivas, a conquista da autonomia é numa tensão, uma dialética aberta e complexa entre autoridade e liberdade a partir da qual **se** constrói a relação educativa. O que implica na consciência de sentimentos e emoções, de experiências, expectativas, vontades e frustrações. Nisto reside a tarefa difícil, mas possível, de

uma educação crítica: do falar aos estudantes e com os estudantes, também sem esconder contradições, condições conflituais que podem ser aprofundadas na formação de um clima aberto e leal no ambiente educativo.

CONSCIÊNCIA MEDIÁTICO-CRÍTICA

Paulo Freire nos convida para uma leitura crítica, dialógica e reflexiva do mundo. Esse desafio hoje é ainda mais complexo e difícil visto que precisamos de um altíssimo grau de consciência a respeito da reflexão sobre a própria comunicação nos efeitos, nas possibilidades, nas distorções. É necessário compreender o poder comunicativo do nosso tempo tanto no sentido construtivo como no destrutivo, nas alterações das verdades, nas formas de procurar a atenção e a visibilidade.

A própria perseguição ideológica contra Paulo Freire pode se explicar como consequência de um analfabetismo político-mediático. Uma crítica ao Paulo Freire seria legítima se expressa corretamente, mas como explicar que numa declaração pública, o atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro, excitado e aclamado por pouca, mas exaltada gente, insultou a memória do educador brasileiro, chamando-o de “energúmeno”? Insultar um educador humilde e profundamente sensível como Paulo Freire, enraíza-se com grande efeito na grande escala de setores – não exatamente moderados – que nos levam a um mundo de cenários da inquisição. As expressões coloridas do ex-militar tendem a buscar a todo custo o bode expiatório para o setor público de educação e deixam espaço para a mais inescrupulosa iniciativa privada, demonstrando exatamente aquela condição de fanatismo, de alienação que caracteriza os tempos que estamos vivendo.

Por outro lado, a perseguição raivosa contra Paulo Freire sinaliza a força de seu pensamento. Se no século XX as armas para silenciar o autor da Pedagogia do Oprimido foram as do exílio, da força militar, em nossos anos dominam as armas da *fake news*, da calúnia, do tráfico de falsas notícias. Mas por que esse “energúmeno” Paulo Freire assusta tanto a extrema direita?

Paulo Freire se refere ao verbo *esperançar*. Se esperar também significa também aguardar, *esperançar* implica à ação, à prática da esperança. A esperança em Paulo Freire não é apenas uma atitude romântica, mas a raiz concreta de um método baseado na denúncia das condições de opressão e na consequente organização política para superá-las, o que provoca interpretações de sentido, leituras de mundo, pontos de vista até aquele momento inéditos. Esse é o sentido da educação em Paulo Freire, que não teria sido exilado e perseguido se seu método de alfabetização, inserido em um sistema político-educacional mais amplo, não tivesse sido realmente gerador de transformações na história:

A prática de esperança em Paulo Freire se realiza através do processo de “conscientização”:

Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade.

Desde então, esta palavra forma parte de meu vocabulário, mas foi Hélder Câmara quem se encarregou de difundi-la e traduzi-la para o inglês e para o francês.

A conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo.

Tomando esta relação como objeto de sua reflexão crítica, as pessoas esclarecerão as dimensões obscuras que resultam de sua aproximação com o mundo (FREIRE, 2005, pp. 29-31).

A prática de conscientização evoca a tensão da “consciência” para e com o “mundo”. Provoca a ideia de que a tomada de consciência seja um elemento indispensável e até vital nos caminhos do ensino-aprendizado. Mais uma vez, a educação se constrói na relação da consciência com processos críticos e dialógicos mais do que na palavra em si: a palavra é um meio e não o fim. Por isso ela é geradora.

Através do uso da palavra, se forma uma elaboração crítica que vai além da espontaneidade na aproximação à realidade cognoscível, para buscar uma dimensão crítica que procure penetrar em sua essência fenomenológica. Desta forma gera uma nova realidade, torna-se um ato criativo. A criação desta dimensão será objeto de uma nova leitura crítica. Em percursos de conhecimento continuamente abertos para releituras críticas, se forma uma ideia do presente como processo contínuo: *o mundo não é, o mundo está sendo*, dizia Paulo Freire.

A conscientização não está limitada a uma tomada de consciência, mas subentende que o termo deste percurso constitui uma premissa para novos caminhos. Não é redutível a uma atitude intelectual, nem pode ser explicada exclusivamente através de uma sistematização teórica, porque madurece e floresce através de uma dialética necessária entre ação e reflexão: o que Paulo Freire chama de *pedagogia da práxis*. A conscientização, sendo uma atitude crítica na história, nunca termina.

Como dito anteriormente, Freire identifica diferentes fases da consciência: *a consciência intransitiva* se manifesta quando não está disposta a abrir sua compreensão para encarar os desafios cotidianos de uma maneira crítica. Percebemos como pelas próprias contradições do sistema do neoliberalismo, os ritmos não somente materiais e econômicos, mas também culturais e intelectuais, criam uma exigência, às vezes irrefletida e automatizada, de agir de pressa, perdendo de vista a necessária harmonia entre ação, reflexão e tempo.

Nas sociedades que sofrem com os ritmos frenéticos de consumo e não deixam espaços e tempo para o diálogo e a reflexão, a consciência intransitiva descrita por Freire pode manifestar-se em formas de pensar e agir massificadoras, homologadas, gregárias que não se aprofundam na investigação, mas se satisfazem com preconceitos, temem o diálogo, privilegiam o parecer ao ser, degenerando em fanatismo ou em homologação, ou seja, na *consciência fanática* (FREIRE, 1967).

Já vemos como as redes sociais além de ser um importante veículo de comunicação, cultura e de entretenimento, podem cada vez mais ser instrumentos de poder e manipulação. Envolvendo aspectos simbólicos, sensíveis e estéticos, os algoritmos invadem nossos cérebros, modificam nossas ações, apagam o senso crítico, ou seja, podem alterar a inserção na história, onde homens e mulheres se assumem como sujeitos. A resposta está em não aceitar a realidade passivamente, mas encará-la criticamente: através de uma análise crítica de situações existenciais ou de aprendizado, em diálogo com outras consciências, trabalhando na imersão de problemáticas existentes, aprofundar um processo de problematização de possíveis interpretações da realidade.

Neste sentido a educação em ótica freiriana deve criar as condições que possibilitam reconhecer, alimentar e intensificar a curiosidade espontânea, requisito para qualquer processo de conhecimento, para transformá-la em curiosidade epistemológica. Essa se caracteriza pela aspiração ao aprofundamento; a consciência da complexidade dos nexos causais; a disponibilidade permanente em questionar preconceitos, verificar descobertas, repensar posicionamentos; a aceitação da inquietude da pesquisa; a concepção dinâmica da realidade (FREIRE, 2003). A curiosidade epistemológica, portanto, constitui o caminho fundamental para o exercício do direito fundamental de todas e todos, e especialmente daqueles que vivem em condições de opressão, de conhecer mais criticamente o que já conhecem; de conhecer o que ainda não conhecem; e de promover novos saberes e perspectivas teóricas, enraizados em suas culturas, necessidades e sonhos (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1995).

A curiosidade epistemológica possibilita a formação da consciência crítica, que – na análise de Freire – não observa a realidade pela sua simples aparência, mas a busca como fenômeno de um núcleo vital mais profundo. Se a consciência ingênua sofre por sua superficialidade, a consciência crítica age em profundidade, descobre e se descobre através de processos de aproximação gradativos, dialógicos e questionadores do saber.

O senso crítico da consciência e sua profunda vitalidade relevam a compreensão do conhecimento como um processo dinâmico e em permanente movimento. *Consciência crítica é também consciência histórica.*

O ser humano está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode distinguir também entre um eu e um não eu.

Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si, de projetar-se nos outros, de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo.

Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo (nisto se apoiaria o problema da religião) (FREIRE, 2003, p. 30).

O nosso ser de relações (plural, reflexivo, transcendente, temporal, consequente) nos faz como seres que se relacionam com um contexto, uma pluralidade de histórias, sentimentos, mudanças. As relações não são mecânicas, mas dialéticas, complexas, contraditórias.

O processo de saber, que envolve o corpo consciente todo, sentimentos, emoções, memória, afetividade, mente curiosa de forma epistemológica, voltada ao objeto, envolve igualmente outros sujeitos cognoscentes, quer dizer, capazes de conhecer e curiosos também. Isto significa simplesmente que a relação chamada cognoscitiva não se encerra na relação sujeito cognoscente-objeto cognoscível porque se estende a outros sujeitos cognoscentes (FREIRE, 2005, p. 122).

CODIFICAR E DECODIFICAR

Ter consciência que a realidade pode ser mutável, superar a tendência a procurar a explicação para a impossibilidade de atuar, além de favorecer e determinar uma tomada de consciência crítica, motiva a disposição dialógica que é, prioritariamente, de acordo com Freire, uma “necessidade ontológica do ser humano”. Ou seja, nós, enquanto sujeitos, “seres de relação”, “seres históricos”, ao refletir sobre a vida e sobre o nosso cotidiano, temos necessidade de

comunicar dialogicamente. Uma necessidade que faz parte do nosso ser, do nosso “estar no mundo”, que a escola não pode desconhecer.

Uma educação que ignore a necessidade ontológica do diálogo suprime e reprime um elemento indispensável da natureza humana, ou seja, que ninguém é dono da verdade absoluta, ninguém sabe tudo. Anular o diálogo mortifica a atividade de agir e pensar como sujeitos do conhecimento e dos processos históricos.

Uma técnica dialógica utilizada por Freire durante os programas de alfabetização e que tem potencial para a conscientização é a codificação e decodificação de situações concretas por meio de imagens apresentadas em slides. Isto já no 1962, quando esta prática era muito avante para a época. A partir de desenhos os participantes de círculos de cultura refletiam sobre condições existenciais. Então, era um processo de abstração e concretização, codificação e decodificação.

Ao reconhecer situações de vida em expressões gráficas, os participantes passaram do concreto ao abstrato, dialogando com outros sujeitos na imagem projetada. A leitura da palavra começava com a leitura da imagem. Abriam-se discussões dialógicas: o diálogo estimulava uma reflexão crítica sobre a situação existencial por meio de sua representação. Este é um processo de distanciamento crítico. Da situação codificada do abstrato voltavam ao concreto pela decodificação das imagens.

Trata-se de uma metodologia potencialmente muito fecunda para nossa atualidade, frequentemente descrita como “sociedade da imagem”. De fato, fluxos constantes de significados são veiculados através de imagens e assim absorvidos irrefletidamente. A educação crítica, portanto, não pode deixar de problematizar as imagens, questionando suas linguagens e finalidades, suas fontes de produção, os interesses nelas envolvidos, as atitudes e os comportamentos que encorajam, a partir do pressuposto que elas agem como filtros com relação à realidade, isto é, enfatizam certos aspectos e marginalizam outros. Somente assim é possível passar da posição de consumidores inconscientes à posição de cocreadores responsáveis.

Esse estímulo contínuo ao pensamento crítico, à reflexão, ao diálogo é construído para ir além de um modelo de educação bancária que nunca foi superado, exceto em experiências antagônicas como a dos movimentos populares ou comunidades rurais e da educação popular. O modelo bancário de educação, além de criar um sistema de acumulação de conteúdos, reforça as desigualdades sociais ao não criar condições para se abrir ao pensamento crítico. Hoje a educação bancária é ainda mais radical, assumindo uma linguagem de educação financeira que nos leva a falar de dívidas e créditos de formação, agências de formação, competitividade, hard e soft skills, competências, produtividade. É o sinal do avanço incontestável do capitalismo e do fato de que a educação ainda não construiu uma alternativa sistêmica a ele.

Por isso, é preciso reler um educador como Paulo Freire justamente em sua potencialidade de crítico desse sistema que leva a índices preocupantes de crescentes desigualdades e processos de homologação cultural e estar ciente de que uma alternativa é possível: basta querer construí-la.

CONCLUSÕES

A forma melhor de celebrar o centenário do nascimento de Paulo Freire é retomar e aprofundar as perguntas fundamentais que perpassam sua obra (FREIRE; FAUNDEZ, 1985). Elas nos

permitem pôr em foco os desafios da educação libertadora frente às novas configurações assumidas pelo sistema capitalista e suas justificações ideológicas. O artigo reflete sobre alguns conceitos-chave do pensamento freiriano – como diálogo, leitura do mundo-leitura da palavra, cultura do silêncio, medo da liberdade, dialética autoridade-liberdade, esperar, conscientização – detendo-se sobre a categoria de “consciência fanática”, particularmente relevante para o presente. De fato, a propagação das tecnologias e o crescente controle exercitado através delas por parte de oligopólios informativos, comerciais e políticos enfraquecem a capacidade de pensamento crítico, favorecem as polarizações ideológicas e paradoxalmente restringem as possibilidades de comunicação autêntica. A ilimitada liberdade que experimentamos nas redes sociais é somente aparente e esconde formas mais sutis de manipulação, que encorajam também um clima de suspeita, práticas de vigilância e manifestações de prevaricação recíproca. Neste contexto estão emergindo novas expressões de analfabetismo, que adicionam à redução das potencialidades reflexivas e de ação transformadora sobre a realidade a perda da capacidade de atribuir significado e valor às palavras, aos eventos e aos fenômenos. É o efeito da aceleração dos ritmos que atinge não somente a esfera material e econômica, mas também os processos de pensamento e de formação, favorecendo atitudes preconceituosas e comportamentos massificados. Recentemente esse analfabetismo político-mediático foi dirigido também contra a memória do próprio Paulo Freire. Portanto a educação deve criar as condições para o exercício e o fortalecimento da curiosidade epistemológica como premissa para a formação de consciências críticas que se relacionem de maneira dialógica e participativa com as outras consciências e o mundo. Pois como disse o educador brasileiro “A esperança, como necessidade existencial, deve estar ancorada na prática”.

REFERÊNCIAS

- BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Funarte, 2008.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2006.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.
- FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**. Registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, P. **Conscientização, teoria e prática da libertação**. São Paulo: Centauro, 2005.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 2005.
- FREIRE, P., FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

GADOTTI, M., FREIRE, P., GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito**. São Paulo: Cortez, 1995.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

VITTORIA, P. **Narrando Paulo Freire**. Por uma pedagogia do diálogo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.